

“Sou feliz, sou *drag*, sou bonita, bebê”: Negociações entre o corpo e a música pop¹

Thiago Mena Barreto Viana²
Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA)

Resumo: O artigo se propõe trazer um panorama geral do estudo sobre a relação entre corpo e música *pop* nacional. Analisou-se três clipes (Nêga, Todo Dia e K.O.) da *drag queen*, Pablo Vittar, a partir da metodologia do *scanning* proposta por Flusser (2009). O objetivo foi identificar tensões e mediações entre o corpo subversivo e o hegemônico, dentro de uma certa tradição da música *pop* brasileira. Abordamos como as disputas entre os grupos sociais se materializam no campo da cultura e se ramificam para o imaginário do corpo. Recorremos a exemplos de artistas do cenário da música *pop* nacional que refletem suas condições sociais no âmbito de suas práticas culturais e descrevemos experiências pessoais como consumidor de música *pop* e *crossfiter*. Ao final, verificou-se que a artista mescla elementos do subversivo e do hegemônico, como numa negociação, para ser aceita no *mainstreaming*.

Palavras-chave: Corpo; Música Pop; Performance; Representação.

Introdução

A vigilância e o controle do e sobre o corpo são uma constante nas sociedades ocidentais. Ora visto como caminho para a salvação, ora percebido como estrada da danação, o corpo reflete e sofre com as ideologias de seu tempo. Dos penitentes cristãos do século XVI que afligiam a carne com cilícios³, aos *crossfitters*⁴ do século XXI, que levam seus corpos à máxima exaustão, o corpo é utilizado como o meio para a transmissão de uma mensagem (OLIVEIRA, 2011). Porém, o que se quer dizer por meio do corpo? Que discursos subliminares se escondem por entre curvas e silhuetas? Quais práticas sociais e culturais estão presentes no corpo que se exhibe ou se oculta? O corpo sempre será um reflexo daquilo que cremos ser?

Oliveira (2011) nos fala do corpo cristão que deve ser o vetor da santificação da humanidade e por meio do seu flagelo é que será obtida a salvação divina.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do curso de Jornalismo das Faculdades INTA. Pesquisador com interesse em cultura pop, mídia-educação e literatura de massa. E-mail: thiagombv@gmail.com

³ Cinto de tecido de ferro, com pontas, que os penitentes cingem ao corpo.

⁴ Pessoa que pratica crossfitter. O crossfitter é um programa de treinamento de força e condicionamento físico geral baseado em movimentos funcionais, feitos em alta intensidade e constantemente variados. Normalmente, esses movimentos se enquadram em três modalidades: levantamento de peso olímpico, ginástica olímpica e condicionamento metabólico, ou cardio.

Novaes (2011) trata de outro tipo de salvação: a social. Por sua vez, por meio do corpo jovem e atlético que será possível se ser aceito e ter sucesso nas incursões amorosas. Porém, os corpos também são periféricos ou subversivos⁵. Envelhecem, engordam, tatuam-se e até mesmo caminham entre os gêneros.

Ao problematizarem os corpos ditos ideais, Bauman (2001), Codo *et al* (1995), Sennett (1994) e Del Priore (2011) examinam que se encontram um lugar no social, qual o espaço designado para os subversivos? É nesse sentido que questionamos o fato de que um corpo não inserido no padrão dominante, suas produções culturais estão fadadas ao mesmo destino segregador? Uma drag queen⁶ negra e nordestina, por exemplo, estaria resignada apenas aos guetos e à vida noturna? Suas produções estariam circunscritas, no máximo, a uma cultura de nicho? Tais questões nortearam e instigaram a reflexão sobre a relação corpo e música *pop*⁷.

Ressaltamos que não objetivamos apresentar uma resposta definitiva sobre os corpos que se rebelam e subvertem os padrões de comportamento e os reflexos disso nas suas produções culturais, em especial, na música *pop*. Antes, desejamos discutir as características do *pop* nacional em termos de performance e representação, por meio do trabalho da cantora maranhense e drag queen, Pablllo Vittar. Objetivamos, pois, identificar através dos aspectos presentes nos três clipes (Nêga, Todo Dia e K.O.) de seu álbum, *Vai Passar Mal*, tensões entre o corpo subversivo e o padrão hegemônico, dentro de uma determinada tradição da música *pop* brasileira. A investigação partirá das afirmações e das negações do corpo, para sabermos de que forma as disputas entre os grupos sociais se materializam no campo da cultura e se ramificam para o imaginário desse corpo.

Nesse sentido, recorreremos a exemplos de artistas do cenário da música *pop* nacional, pois refletem suas condições sociais no âmbito de suas práticas culturais, além de descreverem experiências pessoais como consumidor de música *pop* e

⁵ Aqui, compreendemos por “transgressores” ou “subversivos” os corpos que não se apresentam da forma exaltada pela norma social vigente, tal qual tratam Baudrillard (1981) e Bauman (2005)

⁶ Drag Queens são artistas performáticos que se travestem com um intuito profissional/artístico. Normalmente chamamos de drag o homem que se veste com roupas femininas para fins de entretenimento.

⁷ A música pop (ou pop music, no termo em inglês), surgiu no decênio de 1950 nos EUA e rapidamente se popularizou por outros países. Trata-se de composições ecléticas de apresentam características de outros estilos, como o urban, dance, rock, música latina e country. As canções do gênero são geralmente de duração média-curta e as letras abordam temas universais (como amor) o que torna a música pop facilmente atraente a qualquer ouvinte, por isto é o gênero musical mais comercial.

crossfiter. Por fim, analisaremos o trabalho de Pablo Vittar a partir da metodologia do *scanning* proposta por Flusser (2009).

(Re)pensar o corpo a partir de um “Open Bar”

O interesse pela temática surgiu em 2015, num sábado sem muitas promessas, quando ouvi Pablo Vittar pela primeira vez. Na ocasião, havia saído com alguns amigos para a Rua dos Tabajaras, localizada na Praia de Iracema, bairro boêmio de Fortaleza (CE), frequentado por pessoas que tentam escapar do circuito forrozeiro e dos olhares repreensivos sobre afetos entre iguais. À noite, a rua é ocupada por vendedores ambulantes, carros estacionados, pessoas que vão e vem vestidas e travestidas como melhor lhes convém.

Na ocasião, numa das casas de show localizada nesta rua, haveria a apresentação de um grupo artístico composto por travestis. O *setlist*⁸ seria escolhido por elas, bem como seriam elas a comandarem a *pick-up*⁹. Entre as divas do *pop* nacional e internacional, como Anitta, Beyoncé e Gaga, elas tocam as músicas de Pablo Vittar.

De início, pensei se tratar de outra música, pois a introdução era exatamente a mesma, porém ao invés das estrofes em inglês, ouvi o bom português. Tratava-se de *Open Bar*¹⁰, uma paródia da música de *Lean On*, do *Major Lazer*. O público vibrou quando a música começou, os corpos entraram em ebulição: mãos ao alto, cinturas rebolando e muitos agachamentos até o chão. Perguntei o nome da cantora, pois a letra, até então, era estranha a mim. Logo, uma nova surpresa, pois quem cantava era Pablo Vittar - uma drag queen que prefere usar o nome de batismo, no masculino.

A música tratava do fim de um relacionamento como forma de superar a tristeza e a solução encontrada foi sair com amigos para uma festa *open bar*, com música eletrônica. Nesse momento, minha identificação com a situação que a música relatava foi instantânea. Aliado a isto, a mistura de ritmos musicais, *pop* e samba, foram suficientes para que a melodia me agradasse e fizesse com que brotasse em mim o desejo de conhecer mais sobre a artista que se revelava.

⁸ É um documento que lista a ordem das canções que uma banda musical, cantor solo ou qualquer artista musical pretende tocar durante um concerto musical específico.

⁹ Equipamento eletrônico utilizado em festas e apresentações artísticas e/ou de entretenimento para reprodução e edição (mixagem). Comumente utilizado em boates e casas de show por DJ's.

¹⁰ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=IYuepseCRGY> > Acesso em: 15 de maio de 2017

A maranhense Pablló Vittar, de 22 anos, é hoje a drag queen com o maior número de visualizações no YouTube, em um único vídeo. O clipe de *Todo Dia*, lançado em 20 de janeiro de 2017, já ultrapassa a marca de 13 milhões¹¹ de visualizações. A cantora superou, em visualizações, *Sissy That Walk* de RuPaul – cantora e apresentadora de um reality show americano de drag queens – e de outras grandes artistas internacionais deste gênero, como Adore Delano, Alaska Thunderfuck e Sharon Needle.

O início da carreira da Pablló Vittar foi marcado pela composição de paródias e em 2015, ela lançou a música e o clipe de *Open Bar*. No mesmo ano, iniciou uma turnê pelo Brasil e lançou outras versões, com músicas de Beyoncé, Rihanna e Ellie Goulding. Suas músicas eram ouvidas, inicialmente, pelo público LGBT¹² ou *friendly*¹³, mas logo essa fronteira seria transposta.

Em 2016 foi convidada a integrar a banda do programa Amor & Sexo, da Rede Globo, fato este que lhe proporcionou maior visibilidade e possibilidade de atingir outros públicos. Em janeiro do ano seguinte lançou o primeiro álbum original, *Vai Passar Mal*, composto por 10 faixas e onde se encontra a música *Todo Dia*.

Na esteira do sucesso deste *single*¹⁴, a cantora lançou o clipe da música *K.O.* Apenas nas primeiras 24 horas, o vídeo já contava com mais de 1 milhão de visualizações no YouTube. Além disso, fechou contratos com grandes marcas, como Adidas, Avon e Apple Music, demonstrando assim o seu sucesso musical e comercial.

Em geral, as letras de suas músicas tratam de questões individuais, tais como liberdade de pensamento e expressão, de fim de relacionamentos ou do início de novos. É o caso de *K.O.* quando a cantora expõe seus sentimentos frente a um novo rapaz que a faz trocar a “vida de solteira” por uma mais pacata, ao lado de seu par romântico.

A escolha por temas melodramáticos, por jogos de sedução e pela disputa do sentimento alheio, presentes nas canções do *pop* são, aliás, alguns dos aspectos que

¹¹ Em 28 de abril de 2017, data em que realizamos a verificação junto a Youtube, o vídeo de *Todo Dia* registrava a marca de 13.451.866 visualizações.

¹² Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais e as demais expressões da sexualidade que não cabem numa única sigla.

¹³ É um termo norte-americano que vem sendo utilizado no Brasil para se referir a lugares públicos ou privados e pessoas que são abertos e receptivos ao público gay, ou seja, a membros da comunidade LGBT

¹⁴ *Single* é o denominado como a música de trabalho de um artista, escolhida dentre todas as faixas do álbum a ser lançado por sua potência comercial, de venda e de alcance. Comumente é lançado antes do álbum completo.

parecem apontar a valoração negativa deste gênero musical. Os temas abordados evidenciam passionalidade, o que é intensificado pela melodia e pela performance da voz. Além disso, as interpretações utilizadas pelos cantores buscam transmitir sentimentos e emoções reais.

O público que acompanha a performance parece reconhecer um significado nessa conduta que está presente em momentos de sociabilidade e lazer, como festas, bares e reuniões em casas de amigos (as *private party*). Valores cultivados dentro de uma tradição.

Se de um lado há, notadamente, uma valoração negativa do *pop* devido as questões acima mencionadas, nos questionamos como essa dinâmica se dá quando somamos a esta conta o corpo periférico/transgressor que Pablo Vittar apresenta. Para isso, no entanto, precisamos compreender as razões que nos fazem pensar que ao visualizarmos Pablo Vittar estamos diante de um corpo transgressor.

Foco, força e fé: sociabilidades do corpo

Segundo Filho e Cerqueira (2016), os valores culturais não construções inocentes, pois eles estão vinculados a uma disputa pelo poder e pelo controle. No que diz respeito aos valores relacionados ao corpo, em especial no âmbito cultural, há uma tendência em beneficiar os grupos mais aptos ao enquadramento da norma social vigente. Desta forma, o conceito do belo é determinado dentro de uma legitimação da aparência física e das práticas corporais dos grupos que exercem a hegemonia.

Sobre isso, nos fala Del Priori (2011):

O mundo pós-moderno criou um tipo de corpo e todos os demais, para serem aceitos, devem se encaixar no modelo. Magro, diga-se de passagem. Não há espaço para os corpos que ocupam muito espaço. Os distintivos de beleza se globalizaram e quem não os tem busca a cirurgia plástica, atualmente bem mais acessível financeiramente. Alega-se que a mídia construiu este padrão de beleza e, a partir daí, todos se sentiram na obrigação de aderir ou não, para não ficar de fora do chamado grupo socialmente aceito. Entretanto, há uma questão que não quer se calar. A maioria não se encaixa no “modelo”. Logo, trata-se de algo feito ou pensado para uma minoria, enquanto o restante ou luta desesperadamente para atingir o que se espera dele ou simplesmente ignora os padrões e segue a vida. (DEL PRIORI, p. 09, 2011).

Disso, não nos faltam exemplos, pois nas capas de revistas, homens e mulheres exibem corpos que parecem ter sido desenhados à mão. No cinema, as referências também são inúmeras, visto que os super-heróis dos filmes da Marvel, por exemplo, como Thor, Capitão América e Viúva Negra, interpretados por Chris Hemsworth, Chris Evans e Scarlett Johansson, respectivamente, exibem corpos magros, brancos e no auge de suas formas físicas.

Entretanto, é importante destacar que nem sempre os corpos atléticos estiveram na moda. Segundo Melo (2011), este movimento tem raízes no século XIX, na Inglaterra que, inspirados na ideia do “cristianismo muscular” de Thomas Arnold, os ingleses passaram a acreditar que o corpo atlético e o espírito esportivo seriam de grande utilidade na educação dos jovens das elites.

No Brasil, apenas nos últimos anos do século XIX começamos a perceber esta influência europeia no padrão dos corpos na literatura. O romancista Machado de Assis assinala essa nova estética corporal em uma de suas mais célebres obras, *Dom Casmuro*, publicado em 1899, onde o personagem Escobar é descrito como um rapaz de físico avantajado, braços fortes e ombros largos, em oposição ao franzino Bentinho. Porém, a mudança no padrão de beleza, tanto masculino como feminino, no Brasil, seria incorporado plenamente apenas no século XX.

Para Melo (2010), esportes como o remo, o pugilismo e o hipismo tiveram influência significativa nesta mudança tanto na forma de se vestir, como na forma de se moldar os corpos. Na praia, as roupas de banho bem largas, incapazes de marcar o corpo foram dando lugar a peças menores e mais delicadas. Nos hipódromos, o fraque foi cedendo espaço para o paletó-saco e nas arquibancadas, cada vez mais a presença feminina era percebida. Aliás, até mesmo nas competições elas passaram a participar como atletas¹⁵.

Ao longo do século XX, a prática esportiva e de atividades físicas como um todo cresce. Fato este que impulsiona a exaltação de um novo modelo de corpo que propagava as ideias de bem-estar e de saúde. Esta ideia, mergulhada em estratégias comerciais, paulatinamente garimpou espaços na mídia. Além do desejo despertado pelo novo modelo de corpo, gerou também a angústia naqueles que não conseguiam ter e exibir o mesmo padrão de beleza. Conforme Melo (2011), o cinema também foi muito importante neste processo, pois na década de 1930, os norte-americanos *popularizam*

¹⁵ Ver Del Priori; História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais.

esta ideia por meio de seus novos galãs, como Rodolfo Valentino e Jhonny Weissmuller, ex-atleta de natação.

Entre as décadas de 1950 e 1970, principalmente, observa-se a elevação das taxas demográficas nos centros urbanos. De fato, o crescimento de algumas cidades – consequência do fortalecimento industrial no país – também foi fator relevante nesse processo. Estes passam a ser percebidos como ambientes insalubres devido à poluição gerada pela *popularização* dos automóveis e dos danos ambientais causados pelas fábricas. Nesse contexto, fortaleceram-se as preocupações com os “cuidados com o corpo e com a alma”. A classe média brasileira passa a ocupar o tempo livre entre aulas de meditação e outros tratamentos espirituais e exercícios físicos (MELO, 2011).

Os avanços no campo da medicina também colaboraram para essa transformação na forma de pensar o corpo. Como nos diz Freire (2011), ao final do decênio de 1970, crescem os estudos dedicados às práticas alimentares. A própria Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que o excesso de peso é compreendido como uma doença que precisa ser combatida e passa a elencar os riscos associados aos elevados índices de gordura.

(...) com a supremacia da imagem, a pós-modernidade continua a impor a tirania da perfeição física. A preocupação com a beleza supera a com a saúde. Impera uma verdadeira lipofobia, em que, sob a justificativa da busca pela qualidade de vida, procura-se eliminar aquilo que no passado preservou nossa espécie da extinção: a gordura. (...) Do direito à saúde, passa-se à “obrigação de sermos magras, belas e jovens para sermos felizes...” (FREIRE, p. 470. 2011).

A partir do exposto por Feire (2011) e das diversas mensagens que a mídia¹⁶ nos apresenta, compreendemos que se nega, em todos¹⁷ os gêneros, portanto, o corpo circular, flácido, rechonchudo, fofinho e nega-se o corpo gordo. Assim como também, nos homens, os magros, fracos, baixos ou muito altos também são excluídos. Estes, por vezes, alvo do riso e do sarcasmo. O fato é que se segrega o corpo negro, hipersexualizado e alvo de uma violência simbólica que o atrela ao perigo e diversos fatores

¹⁶ A telenovela, o cinema e a própria composição de repórteres e apresentadores dos telejornais nos colocam diante de uma série de corpos magros e esbeltos. Não faltam também revistas que se dediquem ao cuidado (ou controle) do corpo. Entre o público masculino, podemos destacar a Mens'Health que sempre traz estampado em sua capa um homem de porte atlético e sem camisa, cercado de chamadas para truques e segredos para se ter um corpo escultural.

¹⁷ Nos referimos desta forma por entendermos que os gêneros transpõem a dualização entre masculino e feminino. A rede social Facebook, por exemplo, disponibiliza 56 opções de gêneros para seus usuários.

de vulnerabilidade social. Ignora-se, também, o corpo envelhecido, que insiste em estampar a finitude do ser humano.

As academias se tornam verdadeiros templos, onde os rituais de culto ao corpo são levados à sério pelos seus seguidores: “Foco, força e fé”. Tal realidade, observada em minhas idas diárias à academia, onde posso ver estampada em regatas – que mal cobrem os mamilos masculinos –, nas *squeezes* com maltodextrina¹⁸ e repetidas nas legendas de fotos tiradas nesses espaços, defronte ao espelho, geralmente em posições que enalteçam a musculatura e postadas em redes sociais como Facebook e Instagram.

As academias passam a compor os espaços de socialização e frequentar esses espaços requer a decodificação de determinados códigos específicos para que o indivíduo seja aceito. Saber os nomes dos aparelhos e exercícios, realizar o treino independentemente do auxílio das fichas elaboradas pelos educadores físicos, utilizar roupas com marcas reconhecidas como próprias para esta atividade, portar uma *squeeze* com algum tipo de energético e treinar com fones no ouvido¹⁹. Qualquer pessoa que fuja a esta composição logo passa a ser reconhecida como iniciante e não é levada a sério. Ou seja, existe uma questão de socialização/estereótipo/pertencimento evidenciada nesses espaços. Para além disso, há ainda a questão monetário para se ostentar o corpo ‘ideal’, uma vez que o acesso as academias, aos suplementos alimentares, a dieta balanceada e a determinados profissionais da saúde, como nutricionistas, endocrinologistas e educadores físicos, requer investimento financeiro.

Pensar o corpo, nesse sentido, é pensar como a disputa entre os grupos sociais reverberam em todos os aspectos do *ethos social*. Em nosso caso, observamos que esta disputa se materializa nas produções culturais, com reflexos no imaginário do corpo. Desse modo, é pertinente afirmar que os estratos dominantes têm despendido esforços em conservar seus sistemas de valores corporais a fim de manter a continuidade de sua legitimação no poder. E o que resta aos que não se enquadram em seu modelo?

Fontanella (2005) afirma que, nestes casos, as classes subalternas subvertem os comportamentos excessivamente marcados pela idealização. Para tanto, retoma o conceito de grotesco do linguista russo Mikhail Bakhtin (2005) para se referir às formas

¹⁸ **Maltodextrina é um carboidrato complexo**, proveniente da conversão enzimática do Amido do Milho. Sua absorção pelo organismo é gradativa e lenta, pois contém polímeros de dextrose.

¹⁹ De preferência, se o fone estiver conectado a um iphone.

populares de cultura, marcadas pelas inversões dos valores impostos. “Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseia nas ideias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre o seu caráter relativo e ilimitado” (BAKHTIN *apud* FONTANELLA, 2005, p. 54).

Creemos que, como pensado por Bakhtin (1987) e problematizado por Fontanella (2005) e Filho e Cerqueira (2016), os valores corporais podem ser subvertidos na música pop. Ao acompanharmos o trabalho de alguns desses artistas, observamos a existência de uma multiplicidade de corpos. Encontramos sujeitos que estão distantes desses valores e exibem uma imagem que para a publicidade estaria ligada às marcas do pejorativo. São as representações do corpo gordo (Fat Family), idoso (Gretchen), das minorias raciais (Karol ConKa, Ludmila) e da fluidez e transição entre os gêneros (Johnny Hooker, Glória Groove, Aretuza Love, Mel/Banda Uó e Pablo Vittar).

Esses são alguns exemplos de artistas que se inserem no cenário do pop, porém apresentando uma estética corporal baseada em elementos subalternos. Há, neles, no entanto, uma aparente combinação contraditória, onde há a presença de elementos desses corpos idealizados, incorporados e adaptados aos corpos subversivos.

Ressuscita! O pop pensado a partir da performance audiovisual de Pablo Vittar em *Vai Passar Mal*

Pablo Vittar é uma artista performática e a ideia de performance que aqui utilizamos está embasada no pensamento de Pereira de Sá e Holzbach (2010, p. 149) de compreendê-la como experiência “corpórea e presenteísta (...) presente em qualquer forma de fruição da música”. Conceito caro para nós por reforçar a importância das mediações tecnológicas, fator preponderante ao pensarmos Pablo Vittar que utiliza das redes sociais e de plataformas audiovisuais como o YouTube para divulgação de seu trabalho.

Para analisarmos suas produções, realizamos um *scanning* (FLUSSER, 2009) nos materiais audiovisuais selecionado em nosso *corpus* com o objetivo de apreender sentidos e elementos neles presentes. Por fim, apresentaremos nossas percepções de como se dão as tensões entre o corpo subversivo e o idealizado, dentro de uma certa tradição da música pop nacional. Os elementos percebidos no universo

feminino compõem o visual de Pabllo Vittar foram: cabelo comprido, até quase a cintura e, muitas vezes, loiro; unhas grandes, maquiagem exagerada, roupas curtas e justas ao corpo, botas e muito brilho. Em seus vídeos no YouTube, estamos diante da imagem de uma drag queen poderosa, cercada de objetos luxuosos como limusines, iates, roupas de grife e joias. Além disso, sempre no centro da narrativa, ela domina a cena sendo vista, percebida e admirada pelas demais pessoas com quem contracena.

O audiovisual de *Nêga, single* lançado em 19 de novembro de 2016 que integra o álbum *Vai Passar Mal*, conta atualmente com 4.572.964²⁰ visualizações no YouTube. Nele, Pabllo Vittar acorda envolta de um amontoado de pessoas que dividem a mesma cama e a cena nos faz pensar que houvera uma grande festa, onde todos agora descansam. Ao despertar, a performer se desloca pela casa e demonstra surpresa com a quantidade de pessoas que ali ainda estão. Não demora e logo o *after*²¹ começa. A medida que avança pela casa em direção ao jardim, Pabllo interage com seus convidados que dançam, se beijam, bebem e a observam passar. No jardim, todos se juntam na tarefa de lavar um carro, sempre com movimentos eróticos e expressões faciais sérias que denotam um misto de mistério e sedução, ou seja, “fazem carão”.

A letra da música trata de uma mensagem que a performer deseja transmitir para seu pretense par romântico. Nela, ela expressa seu desgosto por aqueles que não lhe dedicam a atenção que julga merecer e reforça seus traços de popularidade e beleza. Também serve como um guia de como o seu eleito afetivo deve agir sexualmente, orientando quais carícias prefere e como o encontro pode ser divertido e prazeroso. Apesar disso, não encontramos no clipe a interação direta de Pabllo Vittar com qualquer outro que demonstre ser o objeto alvo de sua ação. A performer olha diretamente para a lente da câmera, como se estivesse dialogando diretamente com seu pretendente.

Seguindo uma ordem cronológica de divulgação, o segundo audiovisual analisado é *Todo Dia*. Como dissemos no início deste trabalho, o clipe foi lançado em 20 de janeiro de 2017 e configura-se como o maior sucesso da cantora, em termos de visualizações. Neste vídeo, desta vez, o cenário escolhido é virtual, Pabllo Vittar divide

²⁰ A verificação foi feita em 01 de maio de 2017, no vídeo postado em seu canal no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qualu0Bfxnc&list=PLGWidRkDWmbDJChjBtDApU1W_lfI0S5_AG.

²¹ Expressão utilizada no meio LGBTTT para se referir a festa depois da festa. O after geralmente se inicia pela manhã e segue ao longo do dia, por enquanto que os participantes tiverem energia para celebrar.

a cena com o rapper paulistano Rico Dalasam²². Utilizando-se dos recursos do *chroma key* e animações em *flash*, ambos os cantores aparecem em preto e branco (P&B), enquanto as animações são coloridas. Pablllo mantém uma indumentária absolutamente feminina e exibe um corpo magro e delgado, longas madeixas loiras, veste um *body* e botas pretas e usa uma maquiagem com supercílios expressivos e bem delineados. A coreografia da música que apresenta segue a linha da exaltação sexual e em determinado momento a performer leva um picolé à boca, em clara conotação fálica do doce.

Dalasang, por sua vez, realiza uma bricolagem entre os gêneros, pois o feminino está presente em diversos elementos, como o cabelo comprido e no *body* estampado que usa, mas a voz marcadamente grave nos remete ao universo do simbólico masculino. O rapper, aliás, faz uso dessa imagem híbrida, pois com um rosto quadrado, ele opta por não usar (muita) maquiagem, relevando assim traços de sua masculinidade e os movimentos que realiza durante a dança não são tão elípticos como os feitos por Pablllo Vittar. A câmera concentra-se em mostrar seu rosto, diferente de sua parceira, que ora exibe seu rosto e ora as partes mais erógenas de seu corpo.

A música trata de liberdade e a cantora afirma, na letra, que não é necessário esperar por uma ocasião em que seja socialmente aceita a liberação dos desejos e fantasias sexuais para que estes sejam vividos, como no Carnaval por exemplo. Trata-se de um chamado para que as pessoas sejam aquilo que realmente são, ou seja, a música grita “se assumam”! Outras questões, comumente tratadas em suas músicas, são retomadas em *Todo Dia*, como o jogo de sedução entre os pares românticos, a exaltação do “eu lírico” da cantora e sua independência, sexual e afetiva.

Como dissemos anteriormente, *K.O.* é o mais recente clipe lançado por Pablllo Vittar, em 19 de abril de 2017, e nas primeiras 24 horas em que o vídeo foi postado no YouTube, foram registrados 1 milhão de visualizações. Nele, Pablllo Vittar repete os elementos de sexualização do corpo, como roupas curtas e decotadas, dança movimentando-se sinuosamente, numa música que mescla elementos do forró e do pop, com batidas eletrônicas. A cintura segue esse ritmo dançante, sempre com muitos giros,

²² Nascido e criado em um bairro periférico de Taboão da Serra, no extremo oeste da região metropolitana de São Paulo. Trabalhou como produtor de moda e é formado como rapper nas tradicionais batalhas de MC’s do metrô Santa Cruz. Imprimi em suas músicas uma pegada pop à sua sonoridade. Aborda temáticas periféricas – a cena cruel das quebradas, a discriminação e exclusão racial –, recorrentes no rap paulistano.

carões e uma coreografia que exhibe, principalmente, as nádegas. No entanto, o clipe traz novidades, pois observamos que o visual de Pablllo muda um pouco: ela mescla os tons loiros e o negro do cabelo e ao invés de deixá-los esvoaçantes, prende-os em tranças.

Notamos também que, primeira vez, é apresentado o par romântico a quem Pablllo dedica seu afeto: um lutador de box, negro, cabelo estilo *black power*, de rosto quadrado, corpo suado e exibindo traços absolutamente masculinos. O que causa um *frisson* na performer (e em quem assiste também). No clipe há interação entre os amantes que após troca de olhares, percebidos por meio do movimento de câmera, se encontram e trocam carícias e juntos eles dançam, abraçam-se e tomam banho, mas suas bocas não se encontram.

A letra parece revelar também um novo “eu-lírico” da performer, pois a música conta que apesar de acostumada a uma “vida de solteira” marcada por festas, bebida e diversão, a cantora afasta-se dessa rotina com facilidade para viver sua tórrida paixão. Preferindo assim, noites românticas, à dois, protegidos pela privacidade e conforto da alcova.

Destacamos que a postura ativa também cede lugar a uma mais passiva e submissa, uma vez que Pablllo se vê indefesa frente ao sentimento que experimenta. O amor acontece à primeira vista, característica esta que é similar àquelas encontrados nos romances sentimentais, literatura romanesca surgida na segunda metade do século XIX na França e que no Brasil encontra expoentes no decênio de 1980 nas coleções Biblioteca das Moças²³.

Considerações Finais

Iniciamos o artigo propondo uma reflexão sobre o corpo e como este se relaciona com a música pop nacional. A partir de uma série de questionamentos, apresentei minhas impressões ao ouvir pela primeira vez uma música de Pablllo Vittar. Com base nas primeiras observações, propus uma trajetória epistemológica em busca de compreendermos como chegamos ao ideal de corpo na contemporaneidade. Para tal, compartilhei também minhas impressões durante incursões diárias à academia, a fim de traçar esboços de como se dão as sociabilidades nesses espaços.

Ao corpo idealizado, deparei-me com o subversivo de Pablllo Vittar e muitos outros do pop nacional. Passamos então a pensar na forma como este dialoga com os

²³ Sobre o assunto, ver Andrade e Silva (2013)

valores culturais presentes no pop nacional e que são reflexo de uma disputa social. Ao fim desse percurso, procurei oferecer não uma categorização estanque e engessada acerca dessa relação. Na verdade, meu objetivo foi propor uma discussão sobre as várias possibilidades de construção do corpo no reino pop nacional.

Em resumo, chegamos à conclusão de que ao mesmo tempo em que Pablló Vittar apresenta um corpo transgressor e que nos faz repensar, a partir dele, a nossa relação com o social que nos cerca, difunde também valores hegemônicos. De um lado, é transgressor ao não se identificar com o gênero com o qual nasceu, utilizando-se, para tal, de sua arte performática para a construção de uma nova identidade. Não abandona, no entanto, como muitas fazem, o nome masculino de batismo. Em entrevista à revista Trip²⁴, a cantora explica que não o faz pôr o nome servi-lhe como forma de expressão da verdade e moeda social.

Eu gosto do meu nome, eu gosto de ser chamado de Pablló. Eu acho que se eu colocar um nome feminino eu não vou tá passando verdade na minha arte. E quando você faz uma arte, você tem que passar verdade para as pessoas te verem transparente, se aproximarem e de alguma forma se conectarem com o que você tá fazendo. Isso é legal. Então eu sou o Pablló até morrer. A Pablló, como vocês quiserem chamar (Pablló Viitar, em entrevista para a revista Trip).

No entanto, este mesmo corpo transgressor traz consigo elementos de valores culturais apreciados pelos grupos dominantes, reproduzindo assim os padrões de uma beleza idealizada. Os cabelos são loiros e lisos, o corpo magro, exalta a delicadeza e fragilidade feminina. Nos vídeos ainda há forte apelo sexual, comumente explorado pela publicidade ao trabalhar com a imagem da mulher. Em *K.O.* o imaginário do homem negro másculo e visto como objeto de desejo sexual também é reforçado.

Porém, retomando a uma das questões centrais deste artigo, o subversivo dialoga sim com o pop nacional e mesmo este corpo pode ultrapassar as fronteiras do gueto onde é tradicionalmente aceito. Como mostramos, a passagem por esta fronteira não ocorre de forma incólume, são feitas negociações. Aceita-se uma mulher negra trans e nordestina como Pablló Vittar, mas esta ainda precisa ser magra, loira e hipersexualizada.

²⁴ Acesso em: 01 de maio de 2017. Disponível em: <<http://twixar.me/4qH>>

Porém, essa inserção não deixa de ser representativa traz visibilidade a um importante debate social que é a multiplicidade de gêneros e formas de ser e viver em sociedade. Performers como o pernambucano Jhonny Hoker, a goiana Candy Mel da Banda Uó e a maranhense Pablló Vittar que, como a própria afirma, assumem e exploram a sua feminilidade são necessários para mostrar que uma vida não cabe dentro de um armário.

O ser afeminado pra mim é muito revolucionário no sentido de dar a cara a tapa, sabe? São as bees afeminadas que estão alí na posição de frente. São elas que levam o baque primeiro. Elas que são apontadas, que levam lâmpada na cara. Se a agente tá aqui, dando uma entrevista, montada de drag, é porque muita gente morreu e sofreu preconceito pra gente ocupar esse espaço. Isso é fato. (Pablló Vittar, em entrevista para a revista Trip).

O tom de militância aqui é proposital e, infelizmente, cada dia mais necessário e permanente. Impossível encerrar esse artigo sem lembrar a recente questão dos campos de concentração para homossexuais na Chechênia, como denunciam diversos veículos de comunicação, entre eles a BBC. O (des)governo do país afirma que tudo se trata de um embuste da mídia, pois os supostos campos de concentração não existiram uma vez que também não existem gays em todo aquele território.

Por fim, resta convidar outros pesquisadores interessados nessas questões a colaborarem com este estudo. Debater sobre os processos de identificação desses performers com os públicos, os limites da autenticidade que propõe, a relação de outros artistas estrangeiros com as questões do corpo, a bricolagem das identidades que propõe, entre outros assuntos, são claras lacunas que precisam ser esclarecidas. A estes, *Shantay, you stay*²⁵!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Roberta M. B. de; SILVA, Erotilde H. **O consumo de romances e o universo feminino**: as práticas de leitura dos livros do coração. Revista Interin, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 50-63, jan. / jun. 2013.

BAHK TIN, M. **A cultura popular na idade média e o renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

²⁵ Expressão utilizada pela *drag queen* americana RuPaul, no *reality show RuPaul's Drag Race*, ao revelar sua aprovação a alguma candidata que lá esteja se apresentando e competindo no desafio principal do programa.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BBC BRASIL. **Campos de concentração para homossexuais**: a crescente perseguição à gays na Chechenia. 14 de abril de 2017. Disponível em: < <http://twixar.me/vqH>> Acesso em: 01 de maio de 2017.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson A. **Que é corpo(latria)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FILHO, Jorge C.; CERQUEIRA, Rose. O arrocha enquanto performance e representação: a música *popular* e o corpo periférico a partir do músico Nenho. **Revista ECO PÓS**. ISSN 2175-8889. *Cultura Pop*.v. 19. N. 3. 2016.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FONTANELLA, Fernando Israel. **A estética do Brega**: cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade Federal do Pernambuco. Recife. 2005.

FREIRE, Dirce de Sá. **Com açúcar, sem afeto**. In DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MELO, V.A. de. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri: Faperj, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **O corpo esportivo nas searas tupiniquins** – panorama histórico. In DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVAES, Joana de Vilhena. **Beleza e feiura**: corpo feminino e regulação social. In DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Anderson J. M. de. **Corpo e santidade na América Portuguesa**. In DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEREIRA DE SÁ, Simone Maria Andrade; HOLZBACH, Ariane Diniz. **#u2youtube e a performance mediada por computador**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 20, p. 146-160, dez. 2010.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra** – o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1994.

VIEIRA, Bianca. Ninguém tomba Pablo Vittar. **Revista TRIP**. 16 de fev. de 2017. Disponível em: < <http://twixar.me/4qH>>. Acesso em: 01 de maio de 2017.